

PRIMEIRAS LIÇÕES SOBRE O ASPECTO VERBAL EM PORTUGUÊS NA *GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA PORTUGUEZA*

Alexandre Wesley Trindade¹

RESUMO

Neste trabalho, apresenta-se o exame do aspecto verbal na perspectiva racionalista de Jerônimo Soares Barbosa, em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*. Herdeira portuguesa da *Grammaire de Port-Royal*, esta obra insere-se no rol das obras de linguística cartesiana e representa um momento histórico de disseminação das ideias iluministas, justificando seu lugar de destaque entre as gramáticas da língua portuguesa. Na investigação da categoria do aspecto apresentada na obra, considera-se a tradição gramatical em que ela se insere, a concepção de linguagem que norteia sua elaboração, o conceito de verbo ligado à sua centralidade no exame da língua, e a noção de aspecto desenvolvida na obra sob uma perspectiva comparativa.

Palavras-chave: história das ideias gramaticais; gramáticas racionalistas; aspecto verbal.

ABSTRACT

In this paper, we present the examination of verbal aspect in the Jerônimo Soares Barbosa's rational view explained in his Philosophical Grammar of Portuguese Language (*Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*). With *Grammaire de Port-Royal* as its predecessor, this grammar belongs to the Cartesian linguistics works and represents a historical moment of disseminating Enlightenment ideas which justifies its place among the Portuguese language grammars. In the research of verbal aspect category on Philosophical Grammar of Portuguese Language we take into consideration the grammatical tradition to which it belongs, the conception of language that guides its development, the centrality of verbal concept for this examination, and the development of aspect notion in comparative perspective.

Key words: history of grammatical ideas; rationalist grammars; verbal aspect.

Partindo da tradição filosófica para a inovação linguística

A tradição das gramáticas filosóficas e racionalistas teve seu início na segunda metade do século XVII com a publicação da *Grammaire générale et raisonnée*, obra escrita pelos monges franceses Antoine Arnauld e Claude Lancelot, no monastério

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Araraquara (UNESP/FCLAr). Contato: awtrindade@gmail.com.

* O autor agradece a CAPES pelo auxílio financeiro.

localizado em Port-Royal-des-Champs, tornada conhecida por *Grammaire de Port-Royal*. Publicada em 1660, essa obra surge como símbolo de um período marcado notadamente por rupturas nas mais diversas esferas do pensamento e do comportamento do europeu ocidental, especialmente na Europa central. Duas importantes doutrinas filosóficas estavam em franca concorrência pela supremacia no que concerne às metodologias de investigação. O racionalismo de Descartes pregava que a verdade é alcançada pela reflexão, por meio do método dedutivo de investigação, utilizando-se expedientes fornecidos pela lógica. O empirismo de Bacon, cujas bases são lançadas na obra *Novum Organum*, tem o ambicioso projeto de superar a obra aristotélica *Organon* para fundar uma nova maneira de proceder à investigação dos fatos, baseada não mais na lógica, mas em evidências empíricas. Isso implica que as hipóteses levantadas devem ser testadas pelo método indutivo. Ambas as correntes de pensamento atravessam as páginas da obra fundadora das gramáticas filosóficas e racionalistas e chegam até suas herdeiras.

A *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, doravante GPLP, segue os princípios teóricos e metodológicos da *Grammaire de Port-Royal*, aplicando-os ao estudo da língua portuguesa. Essa obra, cuja edição *princeps* foi publicada em 1822, foi concebida por Jerônimo Soares Barbosa, em fins do século XVIII. Homem culto, pedagogo imbuído do espírito iluminista que agitava a época, Soares Barbosa esteve sempre ligado à atividade docente, tendo lecionado poética e retórica e tendo-se dedicado à tradução de autores clássicos latinos. O exercício de atividades religiosas ligadas à Igreja não foi empecilho para que rompesse com a tradição escolástica jesuítica no que concerne ao ensino da língua. Suas concepções pedagógicas estavam alinhadas com as ideias revolucionárias que impulsionaram as reformas pombalinas no âmbito da educação. Toma-se por ilustração a publicação, em 1807, do livro *As duas línguas*, obra em que o gramático defende a inversão na ordem do ensino das línguas portuguesa e latina, ou seja, primeiramente, a língua materna, pois, em seu entendimento, o aprendizado da gramática da língua vernácula tem o respaldo da prática e do uso, tornando-se a tarefa de aprender o latim facilitada (cf. CASTELEIRO, 1980/81).

Organizando as lições iniciais de linguística cartesiana

Por meio de uma argumentação que se vale de oposições binárias, Soares Barbosa explicita quais são os princípios que permitem distinguir uma gramática geral e filosófica (“*geral e razoada*”; “*philosophica e razoada*”) de sua contraparte, ou seja, uma gramática particular e prática (“*particular e rudimentaria*”; “*pratica e rudimentaria*”). O gramático inicia pela seguinte asserção: “Toda a Grammatica é um systema methodico de regras, que resultam das observações feitas sobre os usos e factos das linguas”. Para Soares Barbosa (1881: xi), se uma gramática resulta de um sistema de regras decorrente da observação baseada na língua em uso, cujo objeto de análise é uma língua particular, ela será uma gramática particular; por outro lado, se essas regras e observações “abrangem os usos e factos de todos ou da maior parte dos idiomas conhecidos, a sua grammatica será *geral*”. E, na GPLP (1881: xii), o gramático avança em sua argumentação:

Porém se o espirito se adianta a indagar e descobrir, nas leis physicas do som e do movimento dos corpos organicos, o mecanismo da formação da linguagem, e nas leis psychologicas as primeiras causas e razões dos procedimentos uniformes que todas as linguas seguem na analyse e [e]nunciação do pensamento, então o systema que d’aqui resulta, não é já uma Grammatica puramente pratica, mas scientifica e Philosophica.

Para Soares Barbosa, gramática geral é aquela que procura pelos princípios universais que regem todas as línguas e podem ser encontrados nas línguas particulares em seus aspectos estruturais, ao passo que gramática racionalista é aquela que constrói conjecturas a respeito dos processos lógicos empreendidos na atividade linguística com base nos princípios gerais apreendidos dessas observações. Desse sistema de investigação, que contempla as línguas naturais como constituídas por um componente mecânico (físico) e um componente lógico (mental), resulta uma gramática científica e filosófica. Utilizando-se da metalinguagem gerativista, Casteleiro (1980/81: 104) parafraseia o gramático ao afirmar que “a gramática filosófica não se limita a descrever os factos linguísticos, mas procura explicar esses mesmos factos, tentando descobrir as estruturas subjacentes aos dados de superfície, isto é, procura ser científica”.

O estatuto científico da GPLP é atestado não somente pelo testemunho do próprio gramático, que afirma ser sua gramática “scientifica e Philosophica”, mas também por linguistas contemporâneos expoentes de correntes linguísticas de orientações diversas que

atribuem esse estatuto à *Grammaire de Port-Royal* e, por extensão, às suas herdeiras, incluindo-se aí a GPLP. Lyons (1979: 22-23) afirma que a *Grammaire de Port-Royal* é “científica segundo a ideia que eles tinham do que era conhecimento seguro” e, além disso, as “demonstrações lógicas da razão por que as línguas eram como eram baseavam-se em princípios admitidos como válidos universalmente”. Essas afirmações tornam-se particularmente interessantes ao verificar-se que, para Lyons (1979: 1), “por estudo científico da língua se entende a investigação dela por meio de observações controladas e verificáveis empiricamente e com referência a uma teoria geral da sua estrutura”. Sob uma distinta orientação teórico-metodológica, Chomsky (1972), em seu livro *Cartesian Linguistics*, perfaz um percurso epistemológico no qual reavalia até mesmo o conceito do que seja científico. A linguística gerativa, diferentemente das teorias linguísticas que a precederam, pauta-se num exame racional e dedutivo dos fatos linguísticos, que pode ser encontrado não somente nos contemporâneos tratados linguísticos, mas também em obras filosóficas e racionalistas seiscentistas, cuja autêntica representante nos estudos da linguagem é a *Grammaire de Port-Royal*. Na obra, Chomsky (1972: 72-73) afirma que a *Grammaire*, obra de linguística cartesiana, além de motivar uma mudança de orientação na linguística, na qual ela deixa de ser “história natural” e se torna “filosofia natural”, também ajudou no progresso da pesquisa linguística pelo fato de ter “acentuado a importância da procura de princípios universais e de uma explicação racional do fato linguístico”. Tanto Lyons como Chomsky são concordes em direcionar suas críticas ao caráter apriorístico da gramática filosófica, contudo, pelo acima exposto, esse reconhecimento não invalida a avaliação positiva que recebeu em relação à validade de seu estatuto científico.

Esse olhar que Soares Barbosa lança sobre os fatos e sobre os usos da língua, norteado por uma metodologia científica de orientação hipotético-dedutiva, revela a concepção racionalista sobre a organização estrutural da gramática das línguas naturais, explicitada na GPLP (1881: xi, grifo do autor) como se segue:

A Grammatica, pois que não é outra coisa, segundo temos visto, senão *a arte que ensina a pronunciar, escrever e fallar correctamente qualquer lingua*, tem naturalmente duas partes principaes; uma *mechanica*, que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, já pronunciados, já escriptos, e como taes sujeitos às leis *physicas* dos corpos sonoros e do movimento; outra *logica*, que considera as palavras, não já como vocabulos, mas como *signaes artificiaes* das idéas e suas relações, e como taes sujeitos às leis *psychologicas* que nossa alma segue

no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis, sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejam ou fossem, devem necessariamente comunicar ás línguas, pelas quaes se desenvolvem e exprimem estas operações, os mesmos principios e regras geraes que as dirigem. Á parte mechanica das linguas e sua grammatica pertencem a *Orthoepia* e a *Orthographia*, e á parte lógica pertencem a *Etymologia* e a *Syntaxe*.

Em estudo que analisa a GPLP, Lopes (1986/87: 44-48) afirma que a “dicotomia entre os aspectos mecânico e material e os aspectos lógicos e espiritual (=mental) das línguas” é uma “distinção capital na obra”. Para o autor, na concepção de Soares Barbosa, havia uma distinção muito clara entre “duas modalidades de estruturas”, ou seja, “uma estrutura semântica, de estatuto lógico e de nível profundo, e uma estrutura fonética, de estatuto substancial, material e de nível de superfície”, em “termos chomskyanos”. É explicitação de Lopes (1986/87) que, no nível profundo, situa-se o componente semântico, que, para o gramático, é indistinto do componente lógico, que funciona por meio de duas operações: (i) produzir ideias e (ii) combinar ideias. Também as ideias produzidas e suas combinações são representadas por dois tipos de palavras: as (i) nominativas, que são divididas em substantivo e adjetivo, exprimindo ideias; as (ii) combinatórias, que se dividem em verbo, preposição e conjunção, exprimindo relações. O substantivo e o adjetivo exprimem, respectivamente, o sujeito e o atributo da proposição — “expressão linguística do juízo”: o substantivo exprime o sujeito da proposição no discurso, “operando a representação da ideia de algo que subsiste por si mesmo”, enquanto o adjetivo exprime o atributo da proposição, “representando a ideia de qualidade ou propriedade que não pode subsistir por si mesma, existindo apenas em ator-Sujeito”. As relações de identidade e coexistência entre o sujeito e o atributo, combinados na proposição, são percebidas pelo entendimento, e exprimem-se “articuladas com as categorias da pessoa, do número, do modo, do tempo e do aspecto”. O elemento linguístico que “dá *existência simultânea*” às ideias que, na sintaxe, são expressas pelo sujeito e pelo atributo, é o verbo. Considera-se, assim, do que foi exposto, que a gramática filosófica, tal como concebida pela *Grammaire de Port-Royal* e por sua herdeira portuguesa, está organizada em consonância com a visão racionalista da gramática das línguas naturais — a visão de uma organização de estrutura dicotômica. Essa ideia de gramática estruturada em níveis é central para se entender a razão pela qual o conceito de verbo admite a categoria do aspecto.

Chega-se, aqui, à concepção central da GPLP (1881: 255) de que toda proposição tem uma estrutura universal composta de três termos, quais sejam, o sujeito, o atributo e o verbo. O sujeito, como termo principal da proposição, “exprime a pessoa ou coisa, da qual se diz e enuncia alguma coisa”; o atributo “exprime a coisa que se enuncia”; e o verbo exprime as relações de identidade e coexistência entre o sujeito e seu atributo. Soares Barbosa, nas palavras de Lopes (1986/87: 46, grifo do autor), “chega à concepção de uma *proposição atributiva*, espécie de enunciado canônico ou *kernel sentence*, da forma

Prop. Atrib. = Subst + V + Adj

a que se pode reduzir mesmo a proposição que se manifeste como predicativa”. A proposição atributiva constitui a base de toda oração. Mesmo a proposição predicativa pode ser reelaborada a uma proposição atributiva pela aplicação da regra de transformação². Tomando por base essa lógica subjacente à concepção da proposição atributiva, a GPLP (1881: 132) parte para a definição de que o verbo

é uma parte conjuntiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito debaixo de todas as suas relações pessoais e numeraes, enunciando por diferentes modos a coexistencia e identidade de um com outro, por ordem aos diferentes tempos e maneiras de existir.

Por meio desta definição, Soares Barbosa explicita como se dão as relações lógicas entre os termos da proposição e de quais categorias o verbo se serve para a constituição de predicados. Assim, a GPLP (1881:132) apresenta as categorias verbais como “idéas accessorias [à ideia principal de existência], indicadas todas pelas diferentes fórmulas e terminações”, em número de cinco: (i) a categoria de *pessoa*, que compreende a ideia “do sujeito da oração, debaixo das tres relações pessoais”, ou seja, a primeira pessoa (“quem falla”), a segunda pessoa (“com quem se falla”) e a terceira pessoa (“de quem se falla”); (ii) a categoria de *número*, que compreende a ideia de singular e de plural; (iii) a categoria de *modo*, que compreende a ideia “dos diferentes modos de enunciar esta mesma existencia”, ou seja, “simples e vagamente” (“*ser amante*”), “direta e affirmativamente”

² Lopes (1989: 70) afirma que “uma das principais regras de transformação do sistema da língua” — que ele chama de “regra translaticia” — “é a que permite reescrever qualquer predicado verbal como um sintagma atributivo”.

(“*sou amante*”), “indirecta e dependentemente” (“*for amante*”); (iv) a categoria de *tempo*, dividido em pretérito, presente e futuro; (v) a categoria de *aspecto*, que compreende a ideia de “diferentes estados d’esta mesma existencia”, podendo ser “começada só e vindoura” (“*hei de ser*”), “persistente e continuada” (“*estou sendo*”), e “finda já e acabada” (“*tenho sido*”).

O gramático considera que a definição de verbo é válida somente para o verbo *ser*, pois são distinguidas três espécies de verbos: (i) o “verbo substantivo”, que é o verbo *ser*, cuja “essencia consiste propriamente na enunciação da coexistencia de uma idéa com outra” (1881: 132); (ii) os “verbos auxiliares”, que são divididos em dois grupos: os verbos *haver*, *estar* e *ter*, que “exprimem os tres diferentes estados de *existencia*” (1881: 136), e os verbos *andar*, *vir* e *ir*, que “exprimem tambem os tres diferentes modos de acção e movimento” (1881: 136), e; (iii) o “verbo adjectivo” (1881: 133), que se refere a todos os outros verbos, pois tudo o que tem, para exprimir a ideia principal de existência e as ideias acessórias a esta, “é emprestado do verbo substantivo que leva concentrado e entranhado em si; e a unica idéa nova que lhe ajunta é a de qualidade ou attributo particular que se affirma do sujeito, que por isso se chama *adjectivo*” (1881: 133). Assim, a contribuição do verbo adjectivo é acrescentar a ideia de qualidade ou atributo ao verbo *ser*. Disso decorre que os verbos auxiliares, mesmo ajudando na conjugação do verbo adjectivo, auxiliam somente o verbo substantivo *ser*, pois toda expressão da ideia realizada pelo verbo adjectivo “não é senão uma redução e expressão abbreviada da linguagem substantiva” (1881: 136). Para ilustrar a aplicação da regra de transformação, já mencionada anteriormente, a GPLP usa os seguintes exemplos:

<i>hei de amar</i>	=	<i>hei de ser amante</i>
<i>estou amando</i>	=	<i>estou sendo amante</i>
<i>tenho amado</i>	=	<i>tenho sido amante</i>

Note-se que, na GPLP (1881: 132-133, 136, grifo do autor), Soares Barbosa emprega dois termos distintos para referir o mesmo conceito. Aquilo que, na definição do verbo, é chamado de diferentes “maneiras de existir” do verbo, no momento da definição, o gramático chama de “diferentes estados d’esta mesma existencia”. A reiteração do termo ocorre quando se trata dos “diferentes estados de *existencia*” que são expressos pelos

verbos auxiliares³. Mas, além desses dois, é empregado, ainda, um terceiro termo no seguinte excerto: “Os verbos auxiliares servem ao verbo substantivo, para o ajudarem a exprimir os diferentes modos de existencia, ou começada, ou continuada, ou acabada, em que se póde considerar qualquer objecto ou acção”. Portanto, as ideias de *começado*, *continuado* e *acabado* convêm às *maneiras, modos* ou *estados* da existência.

Assim, na lição de Soares Barbosa sobre o aspecto verbal, escrita em linguagem própria da lógica, o verbo *ser*, além da ideia principal de existência, compreende ideias acessórias de existência começada, continuada e acabada, com a ajuda dos verbos auxiliares. Tal lição mostra o compasso entre a teoria aspectual da GPLPe as modernas formulações teóricas da linguística para as quais os verbos auxiliares são responsáveis, além de outras funções, por introduzir valores aspectuais que constituem uma determinada situação⁴ como começada, continuada ou acabada, sendo, por isso, chamados de auxiliares aspectuais (cf. LONGO; CAMPOS, 2002) ou verbos de operação aspectual (CUNHA, 2013), cuja expressão se dá por diferentes meios, tais como o léxico, a flexão, recursos derivacionais e perífrases.

A expressão do aspecto verbal: distinguindo os recursos linguísticos

A categoria do aspecto é sempre referida junto à categoria do tempo por elas serem solidárias e estarem em permanente e íntima relação: ambas estão assentadas numa categoria abstrata de *tempo* (CUNHA, 2013). Enquanto o tempo é uma categoria dêitica, isto é, relaciona-se à localização temporal externa de uma determinada situação, cuja ancoragem se fixa no momento de referência, o aspecto, por outro lado, é uma categoria não dêitica, quer dizer, relaciona-se à estrutura de tempo interna de uma determinada situação. Ambas as categorias fundem-se na expressão linguística porque certas noções podem ser classificadas tanto em uma como em outra categoria e, por essa razão, as

³ Adota-se, neste trabalho, a definição de auxiliaridade como “uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar, como forma relacional que toma por complemento um verbo-base”, e de perífrase como “um complexo unitário, com apenas um argumento externo, cujos traços semânticos e papel temático devem ser compatíveis com a base”, ou seja, “um complexo unitário que reúne um verbo e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio numa só predicação” (cf. LONGO; CAMPOS, 2002: 447).

⁴ Situação “é um termo teórico que designa a *representação linguística* de um determinado estado de coisas ou acontecimento do mundo num contexto espaço-temporal. O mesmo se pode dizer de outros termos como ‘estado’, ‘evento’, ‘processo’ e ‘ação’ (entre outros), que designam tipos particulares de situações” (CUNHA, 2013: 585, grifo do autor).

distinções devem ser feitas analisando-se as oposições sistemáticas nas diversas camadas da expressão linguística.

Esse entrecruzamento das categorias tempo e aspecto aparece, também, na GPLP. No entanto, a GPLP (p. 134-135, grifo do autor) circunscreve a expressão do aspecto ao recurso da auxiliaridade. Soares Barbosa reafirma que os valores aspectuais são expressos somente por intermédio dos verbos auxiliares, pois as “diferentes maneira de existir, não tem na conjugação do verbo *ser* fórmulas algumas ou terminações especiaes com que se indiquem”, e ilustra essa afirmação dizendo que *sou*, com essa conjugação simples, não oferece a mesma explicação da ideia de existência que *hei de ser*, *estou sendo*, *tenho sido*, ou seja, nas formas compostas do presente. Sendo assim, para que a enunciação seja completa, é necessária a ajuda dos verbos auxiliares junto ao verbo substantivo *ser* porque, em sua forma simples, eles não têm a mesma acepção que em sua forma composta com o verbo *ser*. Na forma composta, os verbos *haver*, *estar* e *ter* junto às formas nominais⁵ do verbo *ser*, quais sejam, o infinitivo, o gerúndio e o particípio, “perdem então a sua significação própria e natural”.

Para mostrar como se dá a expressão do aspecto verbal nas perífrases, Soares Barbosa, em sua GPLP (1881: 134-136) vale-se da distinção, já mencionada, em verbo *substantivo* e verbo *adjetivo*. Assim, há dois grupos de verbos auxiliares que expressam aspecto. O primeiro grupo de verbos auxiliares exprime “os tres differentes estados de *existencia*”, ao passo que o segundo grupo exprime “os tres differentes modos de acção e movimento, pelos quaes um agente passa para mostrar ou a duração de uma acção, ou sua proximidade no tempo, quer anterior, quer posterior”.

No primeiro grupo de verbos auxiliares, afirma o gramático, há três verbos que o compõem: *haver*, *estar* e *ter*. Esses verbos, “combinados com o infinito impessoal e particípios do verbo *ser*”, formam as perífrases *haver de ser*, *estar sendo* e *ter sido*. Assim, o verbo *haver* “acrescenta á idéa da existencia simples a idéa accessoria de um principio, dado a ella na resolução e projeto que toma o agente, e a da sua futuridade na execução”. Por exemplo, as formas compostas *hei de ser* ou *tenho de ser* não têm a mesma ideia contida nas formas simples *sou* ou *serei*. O verbo *estar* “acrescenta á mesma idéa geral de existencia a idéa particular de estado, persistencia e continuação da mesma existencia começada”. Por exemplo, a ideia em *estou amando* é diferente daquela contida

⁵Soares Barbosa (1881: 135) denomina as formas nominais do verbo de “nomes verbaes”.

em *sou amante*. E, finalmente, o verbo *ter* “acrescenta á mesma idéa principal de existencia a accessoria do seu termo e cessação”. Por exemplo, a forma composta *tenho sido* não expressa a mesma ideia que a forma simples *fui*. E sintetiza: “Estes tres auxiliares pois, juntos com o verbo substantivo, fazem com elle tres linguagens compostas que se podem chamar, a primeira *inchoativa*, a segunda *continuativa* e a terceira *completiva* da existencia do attributo no sujeito, significada pelas fórmulas infinitas do verbo ser”.

Quanto ao segundo grupo de verbos auxiliares, Soares Barbosa diz que ele é composto pelos verbos *andar*, *vir* e *ir*. O verbo *andar* “exprime um movimento reiterado e frequente da acção, e corresponde aos verbos frequentativos latinos” (“*ando escrevendo*”). O verbo *vir* exprime “um preterito proximo” (“*venho de escrever*”). E o verbo *ir* exprime “um futuro proximo, correspondentes aos *aoristos* e futuros proximos dos gregos” (“*vou escrever*”).

Em suma, as formas compostas *hei de ser*, *estou sendo*, *tenho sido* são chamadas, respectivamente de *inchoativa*, *continuativa* e *completiva* porque expressam as ideias de existência *começada*, *continuada* e *acabada*. Por outro lado, as formas compostas *ando escrevendo*, *venho de escrever* e *vou escrever* exprimem noções de iteração, frequência e proximidade temporal.

Nota-se que esses dois grupos de verbos auxiliares, que expressam noções aspectuais e temporais, equivalem aos dois grupos de verbos que Longo e Campos (2002) chamam de auxiliares aspectuais e auxiliares temporais, pois determinadas perífrases verbais possuem um valor semântico aspectual, enquanto outras apresentam um valor semântico temporal. Pela classificação proposta por Longo e Campos (2002), os seis verbos auxiliares elencados na GPLP estão divididos em proporções iguais: três auxiliares temporais e três auxiliares aspectuais.

	Verbo	Ideia principal	Ideia acessória	Valor
aspecto	estar	estado de existência	estado, persistência e continuação	continuativo
	ter	estado de existência	termo e cessação	completivo
	andar	modo de ação e movimento	movimento reiterado e frequente da ação	frequentativo
tempo	haver	estado de existência	princípio e futuridade na execução	incoativo
	vir	modo de ação e movimento	pretérito próximo	pontual
	ir	modo de ação e movimento	futuro próximo	indeterminado

Quadro 1 – Verbos auxiliares aspectuais e temporais na GPLP

Na composição do Quadro 1, reconfigura-se a classificação dos verbos auxiliares, tratados, na GPLP, como verbos que exprimem (i) estados de existência e (ii) modos de ação e movimento em (i) verbos que exprimem aspecto e (ii) verbos que exprimem tempo. A reclassificação de Longo e Campos (2002) dos verbos auxiliares da GPLP não indica exclusividade de uma categoria e anulação de outra; mostra apenas o valor semântico primário atribuído a determinada perífrase. Por isso, a reclassificação é feita com base nos exemplos utilizados pelas autoras, cujo critério de classificação se baseia na distinção dos valores semânticos aspectuais e temporais expressos nas perífrases verbais, diferente do critério utilizado por Soares Barbosa que considera a ideia acessória acrescentada à ideia principal de existência expressa pelos auxiliares verbais. Além disso, a reclassificação dos verbos auxiliares indicados na GPLP permite o diálogo com uma outra abordagem linguística, possibilitando um levantamento de contrastes e semelhanças.

Nessa reclassificação, evidencia-se que a composição dos dois grupos de verbos auxiliares sofre uma modificação. O auxiliar *andar*, que estava no segundo grupo, passa para o primeiro grupo, enquanto o auxiliar *haver* faz o caminho inverso. Isto ocorre porque a leitura do valor semântico do auxiliar como aspectual ou temporal depende da composição da perífrase, numa construção menor, e do contexto, num plano mais abrangente.

Pode-se notar a consonância de interpretação entre as explicações da *Grammatica Philosophica* de Soares Barbosa e as de Longo e Campos (2002). O gramático afirma que a construção *haver de ser* acrescenta a ideia acessória de princípio, transferida a essa ideia

pela resolução tomada pelo agente, e a ideia de execução dessa resolução no futuro. Seguindo em direção paralela, as autoras mostram que a perífrase composta por *haver de* (no presente) + infinitivo expressa o futuro do presente ligado à modalidade deôntica. Além disso, a leitura de que essa construção veicula um valor incoativo não se sobrepõe à ideia de valor temporal primário. O auxiliar *andar*, conforme Soares Barbosa, é um verbo de movimento que expressa ação reiterada e frequente na construção *ando escrevendo*. Semelhante interpretação é dada por Longo e Campos (2002), para quem a perífrase *andar* (no presente) + gerúndio expressa o valor aspectual iterativo.

A semelhança entre as interpretações não ocorre somente em relação aos auxiliares *haver* e *andar*. Os demais auxiliares, constantes no Quadro 1, recebem também a mesma leitura. Na GPLP (1881: 134-136), as perífrases *estou amando*, *tenho sido*, *venho de escrever* e *vou escrever* exprimem, respectivamente, a ideia de “estado, persistência e continuação da mesma existência começada”, de “termo e cessação”, de “preterito próximo” e de “futuro próximo”. Longo e Campos (2002: 458-459) especificam as construções em que esses auxiliares têm as mesmas interpretações. A perífrase *estar* (no presente) + *ser* (no gerúndio) expressa o aspecto cursivo; a perífrase *vir de* (no presente) + infinitivo expressa o pretérito perfeito, ou seja, “a leitura é sempre de realização imediata do evento”; a perífrase *ter* (no presente) + *ser* (no particípio) expressa o aspecto perfectivo resultativo; e a perífrase *ir* (no presente) + infinitivo expressa o futuro do presente.

Sintetizando as lições em um olhar

O olhar da *Grammatica Philosophica* de Soares Barbosa sobre a expressão do aspecto verbal em português revela-se coerente, precisa e atual. A obra é coerente com os pressupostos básicos que apregoa, quais sejam, que a gramática das línguas naturais deve resultar de observações feitas sobre os usos da língua, procurando pelos princípios universais válidos a todas as línguas particulares por meio de uma metodologia científica hipotético-dedutiva, que se vale do pensamento lógico, para encontrar regularidades no interior do sistema linguístico, e da linguagem lógica, para mostrar com clareza o funcionamento do sistema nas línguas naturais. A obra é precisa justamente porque, em sua coerência com os princípios racionalistas, olha para os fatos da língua e procura explicá-los com rígida precisão, utilizando-se da linguagem própria da lógica, pela qual procura

integrar as manifestações da realidade e o conhecimento científico. A obra é atual, pois, coerente com sua visão de linguagem e precisa em sua enunciação, a validade de suas análises e afirmações sobre os usos e fatos da língua não se circunscreve ao seu período de observação e facção, mas extrapola-o, para além de seus limites temporais, já que as explicações sobre os fatos observados na língua se baseiam numa sólida concepção de linguagem. A GPLP, em sua coerência, precisão e atualidade, tem um projeto sólido que atribui a devida importância ao aspecto verbal, garantindo-lhe lugar entre as categorias gramaticais. E, dentre as lições de Soares Barbosa sobre a categoria do aspecto, extrai-se a lição maior sobre a maneira pela qual se deve encarar os fatos da língua.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem. 7. ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1881.

CASTELEIRO, J. M. Jerónimo Soares Barbosa: uma gramática racionalista do século XVIII. *Boletim de Filologia*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Tomo XXVI, p. 101-110., 1980/81. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/>>. Acesso: 7 fev. 2009.

CHOMSKY, N. *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1972.

CUNHA, L. F. Aspecto. In: RAPOSO, E. B. P. et alii. *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013, p. 585-619.

LONGO, B. de O.; CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*, (v. 8). Campinas: Ed. Unicamp, 2002, p. 445-477.

LOPES, E. Um protótipo de gramática gerativa portuguesa: A gramática de Soares Barbosa. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 30/31, n. 1, p. 37-53, 1986/87. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3776/3491>>. Acesso: 31 maio 2015.

_____. Pressupostos teóricos e metodológicos da Gramática Filosófica de Jerônimo Soares Barbosa. *Estudos Gramaticais*, Série Encontros, v. 3, n. 1, p. 66-86, 1989.

LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: EDUSP (Biblioteca Universitária, 5; Letras e lingüística, 13), 1979.